

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.025
Sabado, 25 de Março de 1922
PREÇO \$10 CENTAVOS

O operariado não pode consentir que o governo, sem motivo justificado, continue violando a justiça e detendo trabalhadores, talvez para satisfação da Patronal!

E' inútil a repressão governamental

E' indubitavel estarmos em face do plano que desde há tempos vimos denunciando, por parte do governo, das forças reaccionarias e do patronato, seja este representado pela C. P., ou seja representado pelos organismos industriais e comerciais.

Será esse plano restrito a Portugal, ou será de caracter internacional?

Os acordos entre as centrais sindicais da Alemanha e da Italia indicam que as forças reaccionarias e patronais reuñem-se de audacia para vencer a classe trabalhadora organizada, procurando cercar-lhe direitos e regalias, e criando-lhes condições de fraca resistencia para melhor a ter subjugada.

Sem possuímos informações bastante exactas e conclusões de que nesses países predominam aqueles factores, podemos no entanto tirar algumas conclusões se tivermos em consideração que os fenómenos são identicos em todos os países, por isso que em todos elle é identica a causa que os determina.

A luta de classes está assim tomando nma feição de mais viva acuidade, mas neste caso provocada pelas forças que estão de posse de todos os poderes de predomínio económico e politico.

Por que não se trata já duma acção intensa, de facto, por parte da classe operária internacional: trata-se deste outro fenómeno, não menos profundo e interessante—a confissão tácita do patronato e do Estado de não possuírem aquela força moral necessaria que lhes permitia manter-se, se, de facto, assemestassem o seu predomínio de classe numa base sólida fundamentada no direito da razão e da justiça.

Por outro lado, possuindo, muito embora, todos os poderes de direcção e administração, está observando que não pode já restabelecer o seu predomínio como quando tomou conta dos destinos sociais e se encontra incapacitada para regularizar as coisas por forma a poder atender a todas as exigências modernas da sociedade.

O egoismo individual dos possuidores, a sua insaciavel cubica antepõem-se a todos os possíveis e melhor imaginados arranjos economicos e politicos dos governantes, que acabam por não poder desembaraçar-se da forte teia de interesses, variados e complexos, cada vez mais dificeis de resolver por estarem estreitamente apertados nas restritas bases da propriedade privada.

E como o mal estar se generaliza sem a tal poderem obstar—porque não querem ir de encontro aos privilégios capitalistas—os governos, acossados pelos organismos patronais, não tem outra maneira de resolver o problema senão reprimindo violenta e cegamente as aspirações de liberdade e de bem estar da classe trabalhadora.

Há governos que, graças ás suas habilidades, procuram obstar á eclosão das grandes manifestações de cólera e de revindita popular; mas há outros que, menos inteligentes, não sabem resolver os problemas de momento sem recorrer ás sempre revoltantes medidas de violência e arbitrariedade, que longe de afastarem um perigo ainda mais o agravam.

E' o que acontece com o governo actual. Saído dum partido que mais tem governado este país, este governo esquece facilmente as lições dum passado aliás pouco distante. Nunca a classe operária viu integralmente satisfeitas as suas aspirações com qualquer governo da República, como as não viu com governos da Monarquia, pela conhecida razão de que já mais governo algum as pode satisfazer. Mas, dentro do actual regime, tem sido os governos do P. R. P. que mais mal tratado tem a classe operária, renegando muitas das suas afirmações constantes do programa porque dizem orientar-se.

Não nos admira o facto, que em os seus precedentes históricos... Afonso Costa fãmais quíz

Perseguição monstruosa

Há 15 dias que se encontram operários presos sem culpa formada

António Maria da Silva suprime todos os direitos humanos e espesinha as leis do regime de que se diz serventário

O cativo dos operários em S. João da Barra e no forte de Sacavem está-se prolongando demasiadamente. E' uma torpeza conservar encarcerados operários sem terem cometido o mais insignificante delicto. Dessa torpeza resulta a podridão de alma dos seus autores. O governo tem leis que subvertem penalidades, violências para aqueles que atentam contra o regime iniquo que vivemos, contra a casta parasitaria predominante. Essas leis são ferozes, tudo prevêm e saltam rapidamente sobre os que se revoltam contra as iniquidades e se não curvam diante da escuridão a que os submetem. Essas leis são feitas pelos que exploram a fim de esmagar todas as tentativas de revolta dos explorados. Essas leis são ferozes, violentas, implacáveis. Contudo ellas não proíbem a respiração que é necessaria á vida física nem o pensamento que é inerente da vida do espirito. Elas reconhecem que é impossível cortar a cabeça a um povo ou a um homem visto ser o pensamento uma força que a força bruta manejada pela pior das tiranias, não consegue anular. Reconhecem também essas leis—apesar da inequívoca ferocidade—que é impossível impedir que os trabalhadores se associem para defender os seus interesses e redm para discutir e concertar sobre eles as suas opiniões. A lei concede aos operários, ainda que essa concessão seja restringida por regulamentos vexatórios: liberdade de pensar, de se associar e de reunir. Essas concessões obtiveram-nas os trabalhadores lutando com tenacidade e energia e a lei sancionou-as porque não as podia impedir.

As garantias expressas nessas leis não resultam dum favor, conquistaram-nas os trabalhadores.

Pois bem. Os únicos delictos que os operários presos cometeram foi o de, ao abrigo das leis, pensarem, reunirem e sindicalizarem-se.

Só revogando essas leis é que os operários podiam ser encarcerados. O go-

PELA RÚSSIA FAMINTA!

E' dever de todos os povos e está mesmo no seu interesse salvar os famintos russos

Pelo dr. Nansen

(Conclusão)

O governo dos soviets tem feito todo o seu dever na luta contra a fome, mas o seu esforço não é suficiente

Dos três argumentos com que me objectaram em Setembro passado quando apelei para os governos do mundo, nem um só suporta, não suportou a prova dos factos.

—Mas põem-me igualmente est'outra questão:—Porque o governo dos soviets nada faz para socorrer o seu próprio povo?

Já mostrei quanto a Rússia era fraca e como sóinha não podia ocorrer a essa grande miséria. Contudo, é bem preciso dizer que o governo dos soviets fez muito mais para acudir aos famintos do que em geral se julga no Ocidente.

Primeiro que tudo, elle conseguiu recolher as sementes necessarias para semente uma grande parte da região do Volga, o que é um resultado importantissimo. A seguir, o que era ainda muito mais difficil, conseguiu que os camponeses ameaçados pela fome semeassem com os sacos de cereais que lhes levavam. E' verdade que isso custou enormes quantias ao governo dos soviets, que com esse fim gastou 750 milhões de francos. Em vez de distribuir esse trigo pelos famintos, o governo houve por bem empregá-lo como semente, o que fez estender a miséria a mais 2 milhões e meio de habitantes.

Mas a colheita do Volga era de tam magna importância na vida económica da Rússia, que nenhum estado poderia passar sem ella. Sabendo que o governo dos soviets não podia de per si desempenhar-se da tarefa, eu terminava o meu chamamento aos governos em Setembro passado nestes termos:—Seja qual for a vossa resposta, não iremos quanto antes, corajosamente, apelando para toda a caridade ou solidariedade humana, para todas as iniciativas particulares.—E com as nossas pobres forças, encetámos logo a nossa santa cruzada, recebendo uma resposta magnifica, por vezes vinda dalguns governos, mas resposta que foi principalmente

UMA TRINDADE SINISTRA

PINTO & SOTTO MAYOR, SIMÃO LABOREIRO E LUIZ GALHARDO

Aprecia-se a ingenuidade do DIARIO DE LISBOA, a «chantage» do TEMPO e a defesa das pessoas de respeitabilidade — Hipóteses que poderiam ser verdadeas

Não é habito nosso collocarmos com os aparentemente inverosímeis no lugar em que esta história se relata. Abri-mos hoje uma excepção, porque a história quasi fantástica que vimos contar é verdadeira; passou-se em Lisboa, com pessoas consideradas da máxima respeitabilidade.

Principiemos:

Éra uma vez um homem chamado Simão Laboreiro. A sua vida foi uma série de aventuras misteriosas que se murmuram, a medo, nos cafés, mas que pouca gente tem a coragem de trazer a público. Talvez uma das razões porque não trazem à luz do dia a sua história pormenorizada se filie no facto de Simão Laboreiro—indivíduo alto, anguloso, cabeça levemente inclinada para uma banda, rosto antipático, qualquer cousa de repente, de asqueroso na sua pele nojenta de reptil—possuir um jornal intitulado *O Tempo*, que é nas suas mãos, indistintamente, um punhal e uma gazua, um pé de cabra e uma navalha.

Havia, aliás, uma casa bancaria, Pinto & Sotto Mayor, de quem também, á boca pequena, pelos cafés, se dizia mal, muito mal.

Um dia, no *Tempo*, appareceram as histórias horripilantes que, ácerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés.

A história causou sensação. Procurava-se *O Tempo* com prazer para ver a indignação desse homem que assinava altivamente S. L. e desasombrada e violentamente atacava uma das firmas bancárias mais poderosas do país.

E comentava-se:

—Como os homens podes de dinheiro também podes de immoralidade!

—Como o Simão Laboreiro, de quem se dizia tanto mal, defende agora os pobres e a justiça!

Mas, de súbito, o defensor dos pobres e da justiça calou-se. Constatou, então, que a casa Pinto & Sotto Mayor, inco-modada com a campanha de descrédito que lhe moviam, havia comprado o silêncio do director do *Tempo*.

Passaram-se meses e várias campanhas do mesmo género surgiram e desapareceram das colunas do *Tempo*. Chegou-se breve á conclusão de que Simão Laboreiro era um *escroto*. Confirmava-se, pois, tudo quanto a seu respeito se dizia.

Há dias, a campanha contra a casa Pinto & Sotto Mayor, principalmente contra o sócio António Vieira Pinto, veio a lume nas colunas do *Tempo*. E nós dissemos connosco: «O Simão quer mais dinheiro». Não nos enganámos. Mas qual não foi a nossa surpresa quando vimos o *Diário de Lisboa*, em dois artigos formidáveis, chamar ao *Tempo* (o que nós já sabíamos) jornal de *chantage* e defender com unhas e dentes a casa Sotto Mayor.

E comentámos connosco:

«O *Diário de Lisboa*, jornal moderado e sério, que até aqui andou muito bem em não dar importância ao *Tempo* em quanto elle caluniava o operariado, collocou-se muito mal em apresentar ao publico tamanha indignação lá porque atacou agora banqueiros». Tivemos uma ideia dolorosa ácerca da sua altitude, mas não a affirmamos porque muito prezamos a dignidade alheia.

Aos nossos commentários publicados em editoria, de quarta-feira respondemos no *Diário de Lisboa*, delicadamente, dizendo-nos para não suspicarmos da sua altitude, porque em breve nos certificaríamos dos seus bons intuitos. Callámo-nos e aguardámos.

E não aguardámos em vão. O *Diário de Lisboa* trouxe ontem toda a documentação prometida que compromette seriamente o sr. Simão Laboreiro. Essa documentação acca a de atirar para a lama, de onde saiu, a consciência do director do *Tempo*. Por essa documentação prova-se que Simão Laboreiro vendeu uma cousa que talvez não tinha—a consciência. Comprometeu-se sob palavra de honra (outra qualidade de existencia duvidosa) que não tornaria a atacar a casa Pinto & Sotto Mayor mediante a quantia de doze mil escudos.

Esmicemos, porém, a história de que o *Diário de Lisboa* tira conclusões optimistas para uma parte (as pessoas que defende) e condenações tremendas para a outra—Simão Laboreiro.

E' o sr. Luiz Galhardo, conhecido pelas mais revistas, pelo mal que tem feito ao teatro português, transformando-o numa operação mercantil, tãta para a arte—é o sr. Luiz Galhardo quem fornece ao *Diário de Lisboa* as provas concretas que esmagam, arrazam, reduzem a pó as prosopias do sr. Simão.

Como apparece subitamente o sr. Galhardo, uma questão que o publico julgava existir apenas entre três entidades—Simão Laboreiro, Pinto & Sotto Mayor e, por último, o *Diário de Lisboa*—E' isso que vemos.

O sr. Luiz Galhardo, segundo nma declaração assinada e publicada no *Diário de Lisboa*, diz, em resumo, o seguinte:

Que tem tido apenas com a casa Pinto & Sotto Mayor simples relações comerciais; que naquella casa se honra apenas com a amizade do sr. Pinto, sócio do mesmo estabelecimento e quando aos outros sócios, somente os cumprimenta e nada mais.

Pois é o mesmo sr. Luiz Galhardo, que condoído subitamente com a sorte da casa Pinto & Sotto Mayor, com quem mantinha relações tão leves pois é o mesmo sr. Luiz Galhardo, que raras vezes se move com a sorte alheia, que deseja ardentemente salvar a casa Pinto & Sotto Mayor das garras do sr. Simão Laboreiro.

Que faz então o conhecido empresário? Vem para a imprensa e lê nma tanto jornal—dizer que *O Tempo* nma tanto convido Simão Laboreiro a provar o que disse a respeito da referida firma? Não, prefere gastar dinheiro, preferir prestar a uma casa não sabemos quantas vezes milionária, a favor da sua bolsa e procede como a seguir elle próprio declara:

«Desde logo, sob minha única responsabilidade pessoal e sem o menor compromisso dos srs. Pinto & Sotto Mayor, o que novamente garanto sob minha honra e sem receio de contestação, me puz em contacto com o sr. Simão de Laboreiro, por intermédio de pessoa das nossas comuns relações. E, assim, tive com o director de *O Tempo* quatro entrevistas, de quinze a dezasseis de já citado mês de Maio, cuja súmula, na mais rigorosa expressão da verdade, consta do documento n.º 3».

No tal documento n.º 3, que o sr. Galhardo cita, os srs. José Mota de Carvalho e Raul de Seixas Paiva, como uas scenas providencialmente armadas para «boa conclusão» das peças feitas complicadas, declaram o que ouviram num compartimento anexo áquella onde o sr. Galhardo conversou com Simão de Laboreiro.

Declaram os tais individuos, que escuraram ás conferencias que o sr. Galhardo «acabou por obter do mesmo sr. Simão Laboreiro o compromisso absoluto e de honra de dar por finda a campanha sustentada contra a casa Pinto & Sotto Mayor de Lisboa no dito jornal *O Tempo*, obrigando-se igualmente, seja como for e em todo o tempo a nunca mais a renovar», e que a terminação dessa campanha seria recompensada pela «importância de doze mil escudos que lhe seriam garantidos por publicidade a effectuar no já citado jornal durante seis meses a partir do dia immediato (20 de Maio) e a terminar em dezasseis de Novembro do ano findo á razão de dois mil escudos por mês, recebendo naquella dia (19 de Maio) cinco mil escudos».

Fol assim que se realizou a compra do sr. Simão Laboreiro que, mediante os doze contos, prometeu insultar a casa bancaria Pinto & Sotto Mayor.

O *Diário de Lisboa* aplaudia ontem, com todas as suas forças a altitude do sr. Galhardo. Que esperteza! Que bel gesto! Que incomparavel perspicacia, a do sr. Galhardo! Como elle inventou aquelle contracto de publicidade fatal

Ainda o descarrilamento do comboio do Algarve

Do hospital de Beja seguiram para Lisboa, e foram conduzidos num auto-móvel da Cruz Vermelha ao hospital de Santa Maria, José Custódio, residente na rua Ferreira Lapa, 8, 1.º, e Eduardo Pereira Clemente, duas vítimas do descarrilamento do Algarve sucedido no dia 9 de Novembro do ano passado. O primeiro ficou internado na enfermaria C. 1. A. B. do referido hospital, recolhendo o segundo a uma casa na rua da Atalaia, 7, 1.º, depois de radiografado num consultório na rua 1.º de Dezembro, 122, 1.º. Apresentam ambos as pernas esquerdas fracturadas.

A Novela Vermelha

Julio Quintinha, o apreciado autor dos *Vizinhos do Mar*, publicou na interessante coleção da *Novela Vermelha*, editada pela Secção Editorial da Batalha, uma novela encantadora, cujo titulo suggestivo—*Dor Vitoriosa*—excita a curiosidade do leitor.

palmente devida aos esforços das instituições particulares, ao esforço individual.

A nossa obra é sustentada por toda a espécie de organizações sociais e intelectuais, distinguindo-se as Sociedades da Cruz Vermelha de quase todos os países. A caridade ainda não morreu nos corações, é mister constatar, pois que, em quatro meses, conseguimos recolher 65 milhões para aliviar a fome. Urge, porém, mais, é de necessidade imperiosa, devemos proclamar o bem alto.

A caridade, porém, não basta, esse dinheiro não passa numa pinga de água no Oceano, deixando-nos apenas no limiar da grande catástrofe. Votai já mostrar-vos, com vistas fotográficas, o que é a fome que além se sofre. As imagens que ideis ver desfilarem no écran tirei-as eu mesmo no seguimento da minha viagem, e essa viagem foi feita numa região do Volga que não é precisamente a mais assolada, a pior, nem mesmo tivemos tempo de tirar as piores fotografias. O que ideis ver é apenas o que houve ocasião de presenciar de passagem, ao acaso, e os quadros que podeis observar não são os mais horrendos!

(Nesta altura, Nansen manda projectar um filme com fotografias tiradas algumas semanas antes no país da fome. A emoção que se produz na sala foi imensa. Na escuridão, centenas de homens e de mulheres rompiam em soluços.)

Clarté já publicou algumas dessas fotografias. A maior parte figura naturalmente no livro da fome editado pelo comité de assistência ao povo russo. Foram tiradas em Saratoff, Samara, Boussoulouck e Markstad, bem como nas regiões circunvizinhas destas cidades.)

A responsabilidade dos governos da Europa

Já fez quatro meses que pedi aos governos que nos concedessem a quantidade de cinco milhões de libras esterlinas para lutar contra a fome que chegava. Pedira apenas essa quantia por julgar que podíamos organizar a luta de tal forma que a conduziâmos vitoriosamente até julho e que se não deixaria em seguida qualquer obra de socorro em pleno funcionamento. Também esperava que tanto os governos da Europa como o da América viariam nobremente, corajosamente em socorro dessa população esmagada.

—Com essa quantia teríamos salvado tantos seres humanos! — Agora, peço aos governos 3 milhões de libras. Não é bastante, mas acrescentados ao que dá o governo americano e o governo dos soviets, poderemos fazer tudo que ainda hoje é possível organizar com os fracas meios de transporte de que dispomos. É mister, porém, que os povos façam sentir aos seus governos que é necessário proceder e procederem desde já; aliás será tarde de mais.

Ha quatro meses falava eu da luta a travar contra o frio e contra a fome julgava saber alguma coisa a respeito da fome e do frio. Mas a luta é muito pior, muito mais terrível do que eu imaginava. Esperava encontrar lá o sofrimento e a morte, miséria mais esqualida do que quanto se possa imaginar, mas aí, o que nunca esperai encontrar aldeias, cidades, povoações inteiras onde a população esquelética aguarda a morte hora a hora. Tampouco esperava ver seres humanos, desvaliados pela fome, entregarem-se a actos de selvajaria, homens e mulheres que pertenciam a grande família dos civilizados e que hoje estão de tal modo terrorizados pelo espectro da morte, que perderam todo o sentimento humano, e que assim que é noite vagueiam pelos cemitérios, a desenterrar cadáveres, para terem alguma coisa que comer!

Perseguição monstruosa

(Continuação da 1.ª página)

que se encontram nas masmorras da República.

Realizou-se uma reunião magna de protesto contra as violências cometidas pelo governo, encarcerando operários arbitrariamente.

Usaram da palavra vários oradores que combateram vibrantemente as fezes medievais repressivas do governo. No final da reunião, que esteve muito concorrida, foi aprovada por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª — Exteriorizar o seu protesto contra a continuação da detenção dos camaradas presos que motivo algum justifica, e enviar um telegrama nesse sentido ao Presidente da República.

2.ª — Preparar a classe para uma paralisação geral pelo tempo que seja necessário afim de se conseguir a liberdade de todos os presos e garantir o direito de reunião.

Secção Profissional dos Estudantes

Resolveu protestar novamente contra prisão de mais camaradas, lastimando que um governo que se diz democrático esteja procedendo como no tempo do desmembrismo, não se lembrando que alguns dos seus membros tivessem passado pelas mesmas matas, onde tiveram para com eles mais contemplações do que tem havido para com os camaradas presos.

Saída todos os presos em S. Julião da Barra pela atitude que tomaram em face da pressão que contra eles tem mantido.

Nomeou secretário da comissão profissional o camarada Vitor Reis.

Na próxima quarta-feira, 29, realiza uma sessão de protesto contra as prisões efectuadas, devendo comparecer o maior número de camaradas sócios e não sócios.

Manufactureiros de Calçado

Reuniram em assembleia geral tendo aprovado uma moção de protesto contra as perseguições a classe trabalhadora tendo deliberado propor por intermédio do delegado à U. S. O. uma manifestação pública de protesto.

Sindicato Unico da Construção Civil — Secção de Palma e Arredores

Reuniu a comissão administrativa desta secção, juntamente com as comissões escolar e a de propaganda, que resolveram realizar uma sessão na próxima terça-feira para protestar contra as perseguições governamentais.

Mais resolveram formular o seu mais veemente protesto contra a infame perseguição que o governo está movendo contra honestos trabalhadores que só vivem do seu trabalho honrado.

Juventude Sindicalista da Póvoa de Varzim

Reuniu no domingo passado o Núcleo de Juventude Sindicalista da Póvoa de Varzim, protestando energicamente contra as perseguições feitas ao operariado.

Juventude Sindicalista de V. N. de Gaia

Este núcleo apreciando as reacções das perseguições à organização operária e seus militantes, protesta veemente contra essas violências, assim como se manterá vigilante enquanto não for aniquilado o assalto da reacção.

U. S. O. da Póvoa de Varzim

POVOA DE VARZIM, 21. — Reuniu o Conselho Federal da U. S. O. no dia

E' preciso despertar a consciencia humana

Estas coisas não são fáceis de se dizerem nem de se ouvir, mas é mister dizê-las e ouvi-las. Digo-as aqui e repeli-las-ei por toda a parte, porque é imprescindível que a verdade se saiba. Quero assim despertar os povos da Europa, quero que eles conheçam a realidade, porque conhecendo-a, dirão aos seus governos que ainda que isso faça um pequeno sacrifício financeiro, é preciso procederem sem demora.

A morte avança lá em baixo na região gelada do Volga; avança a passos gigantes, e a sua colheita é ainda muito mais rendosa do que o foi durante esses longos anos de guerra. Pensa nas somas monstruosas que custou aos governos para produzirem essa guerra que nós vimos, e compara com o pouco que lhes custaria se quisessem salvar milhões de vidas humanas.

Se deixarmos correr, se ficarmos para aí de braços cruzados, que julgo fará de nós a História, que conceito fará de nós os nossos filhos, as gerações vindouras? Inscreverem-não na História como uma geração que cinco anos de guerra tornaram tal cruel e egoísta, que pudera assistir, de alma insensível, à morte de milhões dos seus irmãos e das suas irmãs!

Há apenas seis semanas que deixei a região do Volga, onde defrontei com os grandes olhos dessas crianças que acabais de ver no écran. Esses grandes olhos ainda me fixam e nunca me desampararam. E para elles, é em nome dos pequeninos, em nome do amor e da humanidade que para vós apela, por vosso intermédio, apelando também para os vossos governos, para que eles procedam e procedam quanto antes!

(1) Consta-nos que essa fila começou a percorrer o mundo. Nas regiões do litoral do sul, as crianças iam pelas florestas à procura de raízes. Em certas aldeias da região de Charkov 100 por 150 dos habitantes são esmagados; em outras a proporção é de 500 por 500. O aspecto das aldeias é espantoso: as mulheres e as crianças adormeceram; os homens emudeceram. Não se trabalha, quasi não se semeia.

Um dos piores aspectos da fome é o número de órfãos e crianças abandonadas que se encontram nas ruas, pálidas como cera. Vi ontem em Mariatut um abrigo que continha apenas 100 crianças; 42 tinham morrido nas últimas 24 horas. Nas aldeias adormeceram; os homens emudeceram. Não se trabalha, quasi não se semeia.

Não é possível exagerar a extensão, a intensidade e o horror da fome, de que não vimos senão uma infima parte. Há vastas regiões cobertas de neve que não receberam até agora nenhum socorro — e donde não sai rumor.

(Da revista Seara Nova).

A região do ocidente do Volga está já inteiramente despopulada. Nas aldeias, as casas caem sem tecto e a maior parte delas não tem portas nem janelas. Na região do Altai, outrora terra próspera, faleceram 45 por cento da população. O mais terrível ainda está para vir. A fome cresce e com ela alastram as epidemias, grassando com intensidade o tifo. Mais de 70 por cento dos postos médicos do governo do Sibir estão sem médicos.

Os cadáveres estão insepultos. Algumas pessoas fazem a sua própria cova onde se enterram vivas.

Homens e mulheres respeitáveis tem sido conduzidos aos bosques e ali assassinados, tendo muitos deles produzido filhos ao rio e vel-os morrer. Famílias inteiras tem morrido nos porões dos navios.

(Do Benotat, jornal bolchevista).

Populações inteiras fogem abandonando casas, terras e instrumentos agrícolas. O caminho por onde estes desgraçados passam fica semeado de cadáveres.

PORTIMÃO

Pessoal da Indústria de conservas

PORTIMÃO, 24-2. — O Sindicato do Pessoal da indústria de conservas, protesta energicamente contra a atitude do governo que conserva operários encarcerados em S. Julião da Barra e no forte de Sacavém.

S. U. da Construção Civil

Camaradas da construção civil: E' hoje sábado, dia em que as famílias dos nossos camaradas que actualmente estão encarcerados não tem que comer para si e para os seus, porque um governo, dizendo-se democrático, roubou o seu amparo por mero capricho de não perder o hábito de prender e de perseguir arbitrariamente operários inofensivos.

Camaradas: E' hoje que nós, os que sentimos as mágoas dessas famílias, os que sentimos a falta da magra feia habitual nesses lares famintos, devemos socorrê-los, consoante as nossas forças monetárias, para que se não estilem de fome.

Vinde, pois, ao sindicato, das 19 às 23 horas, entregar o produto de quaisquer queies.

PENA DE MORTE

As bulhas do «Século»

TORRES VEDRAS — 23. — Depois da golica publicada no Século de que em Torres Vedras todos são partidários da pena de morte, resolvem também por todas as vezes, consultar as pessoas de todas as idades, sexos, classes, incluindo a própria autoridade administrativa. Todos são contra essa monstruosidade.

Em Torres são só partidários da pena de morte, os comerciantes que nos tem roubado.

Para se fazer uma ideia da moralidade do inquérito do Século, basta dizer-se que o seu correspondente é o sr. Viana da Mota, chefe político liberal e fundador da associação patronal, filiada na Confederação Patronal. — C.

Conferencias

A penalidade através dos tempos

No próximo domingo, pelas 21 horas, realiza na Universidade Livre, uma conferência subordinada a este tema, o illustre professor dr. sr. Agostinho Fortes, com o seguinte sumário: O que seja crime. A criminologia, suas diversas escolas. A penalidade através dos tempos. O efeito das penas; qual o objectivo que estas devem ter em mira. A pena de morte, estigma da selvajaria na legislação penal. Em Portugal o restabelecimento da pena de morte é sintoma de regressão no mundo moral e intelectual. O que se deve fazer: atacar a criminalidade na origem, procurando extinguir o crime. A sociedade, única criminosa; seus defeitos e crimes. Sua reconstituição em bases científicas. O respeito e a integridade na vida humana, tanto por parte dos indivíduos, como da colectividade. Sentimentalistas e cientistas.

A BATALHA AS GREVES

Pessoal da Carris

Nota officiosa da Comissão de Melhoramentos

Presados camaradas: Mais uma vez esta comissão tornou a instar junto das autoridades competentes para se conseguir a reabertura do nosso Sindicato. Porém ainda não se pôde conseguir, não sabemos porque. Soubemos pelo presidente do ministério que não mandaria reabrir o Sindicato visto que uma vez reaberto teria que mandar fazer novas prisões.

Não fazemos comentários. Cada um que os faça por si.

Esta comissão lembra a todos os camaradas que hoje, pelas 12 horas, em Campolide, ao lado da Penitenciária, são julgados no Tribunal de Defesa Social os nossos camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, sendo da máxima conveniência que todos os camaradas que o possam fazer compareçam a este julgamento para de perto tomarem conhecimento do grande crime que aqueles camaradas cometeram.

NOTA OFFICIOSA

A todos os assalariados da Carris

Presados camaradas: Tendo passado o 37.º dia de luta, com indignação que vemos a poderosa Companhia Carris tentar pela fome e miséria reduzir o pessoal ao seu capricho de tiranos e exploradores da carne humana. Serão ainda capazes de duvidar que em todo este movimento ando o dedo da negra Confederação Patronal? Não será isto uma primeira edição do lock-out, como o que pretende impor no próximo dia 28 aos nossos camaradas mobilizáveis? Não tendes que duvidar? Pensamos os beneméritos donos da Carris e da sua estada maior, com engenheiros (leitos pela imprensa) fiscais, etc., em reduzir o pessoal à fome para depois fazerem de dele o que quizerem. Mas enganem-se! Com quem contarão o engenheiro sr. Barros para a tração e o m. vimento?

Não lhe chegam ainda os revisores Coelho, José da Silva, condutor n.º 87, Moreira, guarda-freio n.º 649 Santos, condutor n.º 70, encarregados bilhetes e pessoal de escritórios, para furem a greve? Naturalmente conta também com os seus partidários políticos! Pois se conta com eles não conte com os outros, com os que só lhes importa a sua situação moral e económica, porque esses são todos os outros, que não se prestam a servir de degrau seja a quem for!

Camaradas: Realizando-se hoje, dia 25, o julgamento dos nossos camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, o qual deve realizar-se pelas 12 horas, no tribunal de Campolide (antigo hospital de sangue), convidamos todos os camaradas a comparecer aquela hora no referido tribunal a fim de assistir ao seu julgamento. Apreciaí então como se faz justiça na nossa bemaventurada terra, que enquanto os que roubam passeiam e gozam de estima e consideração, os que trabalham, pelo grande crime de serem conscientes são privados da liberdade e enviados a um tribunal de excepção.

Não tendo sido ainda possível reabrir o nosso sindicato, naturalmente porque a Confederação Patronal ainda não deu licença, não convidamos o pessoal da Carris a continuar a ler o nosso jornal A Batalha, onde sempre encontrareis notícias referentes à marcha do movimento, não devendo vos tomar qualquer resolução para retomar o trabalho sem que este comité vos indique qual o caminho a seguir. Lembrai-vos sempre que devemos dizer até ao fim:

Viva a greve! Vivam as classes em luta! Abaixo a famigerada Confederação Patronal!

O Sub-Comité Executivo.

Operários mobilizáveis

Apesar de todos os papões, continua na sua marcha serena e firme a greve na indústria do mobiliário.

Na assembleia de ontem foi apreciado o estado do movimento, constatando-se que não há defeições.

Também se apreciou a nota da C. P., ordenando o «lock-out» para segunda-feira, a qual foi tomada pelo acçãoado que o devia ser: o jocoso.

Protestou-se veementemente contra a continuação das prisões sem motivo justificado.

Registraram-se ainda as seguintes adesões: Neves & Vitor, Barbosa (antiquário), Augusto Costa Sampaio; Martins, Silva & Calais, António Pereira Ramos, Diamantino Jesus, José Narciso Fernandes, João Costa, Ferreira & Costa, Lda, José Gonçalves Batalha, Luis Garcia Almeida e António Baptista.

Além destas, registraram-se mais algumas de grande importância mas que, por pedido, não podemos, por enquanto, publicar, e com as quais perfaz um total de 207 adesões.

NOTA DO COMITÉ

As classes da indústria mobiliária em Lisboa acabam de registar uma «valiosíssima» adesão ao seu movimento grevista.

A «celebríssima» Confederação Patronal aderiu, ordenando (?) que a partir da próxima segunda-feira os industriais e lojistas do mobiliário fizessem uma coisa que os mesmos não sabem pronunciar — o «lock-out».

Eis aqui o que se cifra a solução que essa «bola de sabão», arranja para este conflito!

Segundo a imprensa mercantilista anuncia, na segunda-feira, os industriais e lojistas, fiéis cordeiros submissos aos ordens dos luminares da tal «coisa», encerram as suas portas.

Um «lock-out», em resposta a uma greve geral... só das inteligências que pontificam «nessa» agravadora de conflitos.

Ainda não é com essa fanfarronada, senhores!

Queremos nós (mas não queremos) resolver a volta ao trabalho, nas casas que já cederam, e voríamos como seria respeitada a imperiosa ordem de «lock-out».

A organização operária que, longe de ordenar, interpreta simplesmente o sentir da massa trabalhadora, sabe

muito bem que os operários do mobiliário, ao declararem-se em greve, não o fizeram por dilettantismo.

Provocados para a luta, mantê-laão a satisfação integral do que reclamam.

As inúmeras adesões que temos publicado não são filhas da nossa fantasia e convidamos quem quer que seja a refutar-nos esta afirmação.

Aos industriais que já cederam e aqueles cuja situação depende dos intermediários, lembramos que já é tempo de se emanciparem da tutela tirânica em que tem jazido.

O intermediário não é mais do que um sugador de todas as energias. Locupletando-se com os lucros que os fabricantes poderiam guardar para si, vão ainda arruinar ao freguês importâncias muito superiores ao verdadeiro valor do trabalho que nós produzimos.

E' tempo, pois! Nós, o industrialismo e o público consumidor de móveis, interessamos com o desaparecimento desses vampiros, que atribuindo o exagorados preços aos aumentos de salários, fecham os seus balanços com lucros de centenas de contos.

Este comité, ao público, às autoridades e a toda a gente, enfim, faz scientes que declina toda a responsabilidade do grupo remittente — que é capitaneado pelos patrões Castanheira Freire L.ª, António de Oliveira, Manuel Francisco Soares, Severino Lopo Canjambille e Marques Silva — do que possa advir da sua atitude provocadora, visto que a paciência tem limites e a excitação aumenta.

Operários do mobiliário: Continuai unidos dentro do vosso Sindicato, lutando pela defesa e garantia de mais pão para os vossos lares e pela dignidade da organização a que pertenceis!

Continuai vigilantes, desprezai os boatos tendentes a desmoralizar-vos e respondei-vos a ir da pródia lock-out pela qual os patrões pretendem que não haja operários amarelos!

Em resposta poderdes gritar: Viva a solidariedade operária! — O Comité Central.

A assembleia de hoje é às 16 horas.

Os presos mobiliários

Realiza-se hoje, pelas 12 horas, no segundo distrito criminal, o julgamento dos camaradas Domingos Gomes, Carlos Martins, António Antunes, Cláudio da Silva e Duarte Machado, falsamente acusados por instigadores à greve.

A este julgamento deve comparecer o operariado mobiliário.

Falta de consciencia

Na fábrica Seixas, do Poço do Bispo, andam operários carpinteiros trabalhando como marceneiros, tirando assim o movimento dos camaradas mobiliários.

E' lamentável que haja operários que se prestem a desempenhar tal ignóbil papel, demonstrando assim uma grande falta de consciencia.

Operários chapeleiros

NOTA OFFICIOSA

Nada por enquanto há a acrescentar respeitante à greve do pessoal da fábrica «A Lisbonense Ltd.», conservando-se, portanto, os grevistas no mesmo pé.

Fôram recebidos donativos relativamente importantes dos camaradas chapeleiros de Braga e S. João da Madeira para serem distribuídos pelos grevistas. Actos de solidariedade desta ordem, são bem dignos de registro.

Metalurgia do Lumiar

Duma entrevista que o delegado do Sindicato Unico Metalurgico e vogal do Tribunal dos Arbitros Avindores, teve ontem com o juiz da 2.ª vara do Tribunal do Comércio, por onde está correndo o processo de falência da firma Vazquinhas & Cia Lda, como proprietária das Oficinas Metalurgicas do Lumiar, resultou o mesmo delegado ser informado de que a venda em arrematação do existente no salão de exposição de Avenida, obedecerá apenas ao espírito de economia, pois que era um estabelecimento que estando fechado, só ocasionava despesas, não dando lucros. O respectivo juiz declarou ao delegado que a acção corria demorada, pelos entraves da firma litigada, mas que descansassem os operários que seriam os primeiros, como credores, a serem pagos.

Rendimentos dos operários

Recebu curativo no Posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço e recolheu a sala de observações no Banco do Hospital de S. José, Joaquim da Costa, de 29 anos, natural de Loures e residente na rua da Fábrica da Pólvora, 88, carroceiro, que quando descarregava na Praça Luis de Camões, um carro com garrafas de ácido sulfúrico, vindas da Companhia União Fabril, um deles rebentou queimando-o no rosto e olhos.

— José Francisco de Almeida, de 56 anos, casado com Maria Rosa Marques de Almeida, natural de Pomares, concelho de Arganil, filho de João de Almeida e de Ana Rita, era um descarregador da Companhia Caminhos de Ferro, que ontem juntamente com vários companheiros, ajudava a empurrar um vagão na Estação de Santa Apolónia, e que por fatalidade não reparou que um outro vagão desabitado, tinha deslizado pelos rails e que vinha ao seu encontro.

Deu em resultado ficar o pobre descarregador entalado entre as bombas das duas carruagens, pelo que mais morto que vivo foi conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao banco do hospital de S. José, onde faleceu momentos depois.

Depois de verificado o óbito pelo respectivo director, dr. sr. João Pais de Vasconcelos, recolheu o cadáver à casa mortuária, devendo hoje ser removido para a morgue, afim de ser autopsiado.

Na sala de observações do banco do hospital de S. José, deu ontem entrada Francisco Vicente Rodrigues, de 34 anos, casado, calceteiro, natural de Lisboa e residente no Casal Ventoso, Vila Pratas, 4, A, que na Abegoaria Municipal, foi colhido por um fardo de palha ficando contuso no corpo.

NACIONAL Telefone C. 2.049
HOJE ••• HOJE
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
Carta anónima
HOJE ••• HOJE
BREVEMENTE
PRIMEIROSE
Reparação da actriz Maria Pia no papel de Condessa de Sarmalae

TEATRO S. LUIS
Hoje ••• HOJE
A encantadora opereta
portuguesa de maior
êxito dos últimos tempos
A LEITEIRA
D'ENTRE ARROIOS
pela
Companhia Armando do Vasconcelos
da qual faz parte a actriz
AUSENDA D'OLIVEIRA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — Reuniu ontem a assembleia geral extraordinária, que aprovou o relatório da comissão administrativa sobre a questão da oficina sindical.

Foi apresentado um aditamento do camarada Direitinho autorizando a comissão a contrair um empréstimo, que foi aprovado por todos os sócios presentes.

Manufactureiros de calçado. — Reuniu em assembleia geral tendo nomeado para os cargos vagos os camaradas Augusto dos Santos e Bento António Martins.

Foi eleita uma comissão a fim de organizar por meios de comissões um inquérito por oficinas para ser depois elaborado um relatório sobre o estado económico da classe.

Aprecia-se a situação económica de A Batalha tendo-se no fim realizado uma quele que rendeu 8330.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão profissional de pedreiros. — Reuniu esta comissão, deliberando efectuar uma assembleia na próxima terça-feira, apreciando vários expedientes e aprovando 10 novos sócios.

Secção profissional dos pintores. — Reuniu tendo aprovado novos sócios. A comissão previne todos os proponentes para que as propostas sejam devidamente preenchidas a fim de lhes poder ser dado despacho.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão profissional de Serenadores. — Para tratar de assuntos de gr. n.º interesse para a classe, reúne esta secção hoje, às 20 horas.

Classes que reclamam

Cordoeiros e linheiros

Estando em sessão permanente reuniu hoje esta classe em assembleia geral, com enorme concorrência.

Como não houvesse resposta satisfatória do patronato, foi aprovado por unanimidade, votar a greve em principio e esperar a resposta definitiva até ao dia 25 do corrente, para, em seguida, se declarar a paralisação do trabalho, continuando em laboração as casas que cederem.

Chaufeurs de camionagem e condutores de carroças

Reúnem amanhã estas duas classes, em sessão magna, no Largo de S. Domingos, 11, 2.ª, J (antigo Quartel General), para apreciar os trabalhos da sua comissão pró-aumento de salário.

Os serventes e o «Diário de Lisboa»

Da Secção Profissional dos Serventes do S. U. da Construção Civil, recebemos uma nota, na qual aquele organismo esclarece a passagem do editorial do Diário de Lisboa de ontem onde se lê que os serventes de pedreiro não vivem hoje com 180\$00 mensais. Segundo a referida nota «um trabalhador ganha, actualmente, 3\$80 por dia ou sejam 22\$80 por semana, que prefazem a quantia mensal de 90\$20, inferior, portanto, ao cálculo do Diário de Lisboa, sujeitos ainda às intemperies e faltas de trabalho, coisa que não acontece com os funcionários, aos quais, aliás, não negam o direito de reclamar, desejando apenas que não sirva de argumento para o aumento aos funcionários, o que não corresponde à verdade».

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Secção mobilizável — Reuniu hoje, para assunto de inadiável resolução, esta secção, pelas 21 horas, no local n.º 2-A.

Bairro Social do Rio do Cego

O secretário geral do S. U. da Construção Civil de clara que recebeu da sub-comissão de melhoramentos deste bairro, por intermédio da comissão de melhoramentos do sindicato, a quantia de 31\$60, proveniente duma quele para custear as despesas feitas pelos delegados em serviço dos camaradas que naquele bairro trabalham.

Partido Comunista.

Reuniu ontem o comité executivo, o qual se ocupou de várias questões de expediente e administração interna, entre as quais a montagem do novo sistema de cobrança por meio de bilhetes de identidade e selos-cotas, tendo também tratado de outros assuntos concernentes à organização da provincia.

Sanidade pública

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, apresentado na última sessão do conselho superior de higiene, na semana finda em 18 do corrente, manifestaram-se em Lisboa, 5 casos de difteria, 10 de febre tifóide, 1 de meningite e 10 de varíola; e no Porto, 4 de difteria, 1 de tóse convulsa e 2 de tifo exantemático.

Coliseu dos Recreios
HOJE — A's 21 horas — HOJE
Magnífico espectáculo de
Grande Companhia
DE
VARIEDADES
Linda música
Scenários surpreendentes
Deslumbrantes efeitos de luz
AMANHÃ — A's 15 horas
Grandiosa matinée
BILHETES À VENDA

Leitor, é assinante de A BATALHA? Não? pois deve assiná-la para auxiliar a sua obra de propaganda das ideias que lá são nteis.

UM APELO

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Esta comissão lembra a todos os camaradas que, sendo hoje sábado, dia em que todos os operários recebem as suas férias, e constando com mágoa que se encontram presos nas masmorras desta libertária república dezenas de camaradas sem motivo plausível que tal situação justifique, causando a miséria nos seus lares e ainda o dispêndio que suas famílias tem de fazer para ver os seus entes queridos, em consequência dos meios de transporte para ir à Torre de S. Julião da Barra e Forte de Sacavém, onde aqueles camaradas se encontram encarcerados, esta comissão apela para todos os organismos e operários conscientes, para que hoje, nas obras, oficinas e dentro dos seus sindicatos, abram quetes em auxílio dos citados camaradas.

Para esse efeito, encontram-se hoje, das 19 às 23 horas, na sede da U. S. O., Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, delegados desta comissão para receber todos os donativos.

Esta comissão receberá as seguintes importâncias: Do camarada Mário José, de uma quele tirada numa obra em Campo de Ourique, 4\$00, e 11\$16 de uma quele tirada na sessão de protesto contra as prisões, promovida pela classe metalurgica e realizada ontem na sede da U. S. O.

Convidam-se todos os delegados desta comissão a reunir hoje, pelas 20 horas.

Sociedades de recreio

Club Recreativo «Os Choros» — Real

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Baseando-se nas reclamações dos manipuladores de pão, os industriais de padaria manobram para conseguirem o aumento do pão ou a diminuição do seu peso — Os salários poderão ser melhorados sem essa nova manigância? — Podem dizer alguns operários — Informes pelos quais se verifica que se mistura farinha dos pobres na de 1.ª qualidade — As traficâncias e os lucros conhecidos — O que não dizem...

Os industriais de padaria tentam novo assalto à bolsa do consumidor. Procuram, muito em segredo, para que os espíritos se não alvortem antes do tempo, para que as suas intenções não sejam destruídas logo ao nascer, conseguindo licença do chefe do distrito para que possam aumentar ao preço do pão ou, em último recurso, diminuir ao seu já desfalçado peso legal. Sem ruídos que despertem a atenção pública, sem espalhafatos que denunciem os seus propósitos ambiciosos, os donos das padarias dirigiram-se ao governador civil para, petulantemente, lhe fazerem a proposta do encarecimento do principal alimento da população. Sabemos também que o sr. Adriano Pimenta, vislumbrou por uma chama de consciência, não acedeu ao amável pedido dos patrões padeiros, não achando convenientes as suas razões apresentadas.

As razões que os industriais de padaria aduzem na presença do chefe do distrito, para que ele, muito reflectidamente, autorizasse a nova escamoteação desejada, fundamentam-se na reclamação de aumento de salário formulada pelos operários manipuladores de pão. Os industriais padeiros alegam que a moagem lhes não dá margem para poderem satisfazer o pedido da classe dos manipuladores de pão afirmam que os actuais lucros dos lojistas de padaria podem comportar o encarecimento da despensa que acarreta a melhoria de ordenados dos operários.

Vê-se, portanto, sem grande esforço mental, que os patrões, quer da indústria, quer de outra, valem-se das reclamações dos trabalhadores sempre para justificar o seu egoísmo, concedendo 10 para surripiarem 50. A esta moral extorquidora encostaram-se igualmente os patrões de padaria, obedecendo a ela que, impulsionadamente, tratam de conseguir um novo aumento do preço do pão ou uma redução no seu peso, para atender os seus empregados...

Os industriais de padaria, possivelmente, mostraram à primeira autoridade do distrito quais as despesas feitas com o movimento da sua casa. Calculadamente, porém, deviam ter escondido quais os seus verdadeiros lucros legais e os saldos das manigâncias...

Há operários conscientes na classe dos manipuladores que não admitem, nem podem admitir, que a sombra das suas reclamações se faça uma torpe especulação, na intenção usurária de se querer roubar o consumidor, muito especialmente aquele que pertence às classes trabalhadoras, porque geralmente é o mais afectado. Evidentemente, que as classes proletárias impõem-se pela sua moral; se reclamam é porque são exploradas, e nunca devem fazer de capa aos exploradores, pelo menos sem o seu protesto veemente, para que todos o fiquem sabendo e sentindo.

Os industriais dizem que não têm possibilidades, dentro dos presentes lucros; há operários que asseveram o contrário: a questão era serem mais comidos nas suas ganâncias. Pelo sim, pelo não, para se levantar, não por completo, mas um pouco do véu, vamos-nos reportar a uns informes que profissionais nos concederam gentilmente, visto que não queremos ser cúmplices na roubação. Tomados por base uma certa casa que manipula, cotidianamente, 200 quilos de farinha flor, pão fino, e 200 quilos de farinha flor, pão único. É preciso relembrar-se que os industriais preferem a existência de dois tipos únicos de pão, porque mais facilmente se prestam às manigâncias. Porque assim é, é que nós principiamos já por aqui, para que os leitores, camaradas ou não, fiquem bem elucidados. Nos 200 quilos de farinha para o fabrico do pão fino, o industrial vota-lhe, mistura-lhe 68 quilos de farinha de 2.ª, isto é, em 132 quilos de farinha flor adiciona-lhes 68 quilos de farinha de pão único, o que dá uma média de 25 quilos por cada 75, ou seja uma saca por cada três.

Se o industrial processasse seriamente, gastava no emprego dos 200 quilos de farinha flor, para o pão fino, 280\$00; como, porém, procede maniganciantemente, mistura, apenas despende 22\$50, tendo, pois, já um lucro na mistura de 54\$40, 132 quilos de farinha flor, a 1\$40 cada, somam 184\$80; 68 quilos de farinha de 2.ª, a \$60, perla 40\$80, que juntos aos 184\$80 dá o resultado de 225\$60. Mas os 68 quilos da mistura são pagos pelo consumidor como sendo farinha flor, isto é, à razão de 1\$40, somando 95\$20; subtraído-se desta quantia os 40\$80 do verdadeiro valor da farinha de 2.ª encontraremos o lucro referido de 54\$40. Isto não é simples mistela.

É o motivo porque os industriais de padaria defendem a outrance os dois tipos de pão, embora quando haja um só tipo ele, clandestinamente, fabrica um outro. Por outro lado: 200 quilos de farinha flor e 2.ª, uma vez manipulada, dá umas 346 dúzias de pão, e 200 quilos de farinha única, para os pobres, rende

292 quilos de pão pronto a comer. Logo, pois:

346 dúzias de pão vendido ao público a \$20 a dúzia	415\$20
292 quilos de pão único vendido a \$62 o quilo	181\$40
Soma	596\$60

Vejamos agora a despesa da casa:

132 quilos de farinha flor, a 1\$40	184\$80
68 quilos de farinha de 2.ª	40\$80
500 quilos de 2.ª	120\$00
500 molhos de chamiça, a 2\$60 o cento	13\$00
Luz	1\$20
Contribuição de indústria, à razão de 400\$00 por ano	1\$10
1 fornelho	4\$50
4 amassadores a 4\$00	16\$00
1 ajudante	3\$00
1 caixairo	4\$50
6 vendeiras a 3\$00	18\$00
Despesa	406\$90
Apuro	596\$60
Líquido	189\$70

Segundo o meu informador, há padarias onde pessoal em menor número faz o mesmo serviço que o pessoal acima indicado; outras de maior movimento, que naturalmente tiram maiores lucros, principalmente aquelas onde, fabricando o pão de milho, misturam este cereal na farinha do tipo único, como esta farinha na de primeira!

Quer dizer: 13 pessoas, trabalhando bestialmente, auferem todas juntas, por dia, 36\$00 — 36\$00 para 13 casas, para 13 famílias, para 13 estômagos multiplicados por mais algo. É um só, sem trabalho, sem grandes maquinações, não ser a de pensar na especulação, ganha diariamente 19\$970, para uma casa e para uma família, admitindo que não sejam amantes. As 13 criaturas, além de pagarem, de solidariedade com o público, o imposto, a luz, etc., ainda dão para o patrão, descontando os 36\$00 das férias, 11\$82 cada uma e por dia.

Há, sim, umas outras despesinhas que não são diárias, mas que se podem tirar de outros processos que, talvez a seu tempo, tenhamos de descobrir, como, por exemplo, a marocosa do peso. O que fica dito é o que se pode, incompletamente, saber.

É aqueles industriais que são, a um tempo, também moageiros, como um tal Maia, que, sendo o distribuidor das farinhas na Associação, ninguém mais do que ele pode conseguir farinha de 2.ª em maior porção?... Então é muito difícil de saber os seus lucros, aproximados mesmo que sejam.

Nestas circunstâncias deve o preço do pão subir ou o seu peso diminuir, para satisfazer as reclamações dos operários manipuladores de pão? Não, e esta classe, como todas as outras, devem denunciar ao público as ganâncias patronais, desde que elas tenham seu conhecimento. É uma nova especulação o que os industriais de padaria pretendem fazer, baseando-se nas exigências dos seus operários, como especulação ignóbil é a mistura da farinha do tipo único na farinha flor; dupla fraude, porque é vendida a farinha de 2.ª pelo preço da de primeira e porque estão a gastar, com os ricos e remediados, que também são burlados, a farinha destinada ao pobre. Um jornal desta cidade defendeu o restabelecimento dos dois tipos de pão com o intuito da farinha dos pobres durar mais tempo. Afinal, ela está sendo subtraída ao consumo dos que podem, por preços diferentes. Não, é preciso que o público se ponha de sobre-aviso contra a nova especulação dos proprietários de padaria. Não são os operários que dão margem às traficâncias dos negociantes e Industriais, são estes que se aproveitam das suas reclamações para se precipitarem na demasiada rapina consentida pelas autoridades e por nós, o que é mais lamentável.

Mas isto não vai a matar e não se vai a Roma num dia.

C. V. S.

União dos Sindicatos Operários

Em sessão federal ordinária, reuniu a União dos Sindicatos Operários. Entre o expediente figurava um ofício do Sindicato Unico dos Operários da Indústria de Vestuário, convidando a União a fazer-se representar numa sessão de propaganda sindical que se deve realizar no domingo, pelas 15 horas, na 1.ª secção daquele sindicato, em Gaia. — Nomeado Luís António de Carvalho.

É dado conhecimento dos novos cargos da actual C. A., que estão assim distribuídos: Felisberto Baptista, secretário geral; Joaquim do Carmo, secretário adjunto; Carneiro, secretário administrativo; António Carvalho, tesoureiro; António Rainha, vogal; Joaquim Silva informa o C. F. da marcha do movimento grevista da classe tipográfica; Joaquim do Carmo, em nome da Comissão ultimamente nomeada para, junto do chefe do distrito, tratar da libertação dos presos e reabertura dos Sindicatos Unicos da Construção Civil e Mobiliário, dá esclarecimentos relativos às demarchas efectuadas, cujos resultados não passaram da obtenção das promessas sacramentais. Sobre este assunto falaram diversos delegados, ficando resolvido que a mesma comissão vá novamente instar junto do chefe do distrito para que cumpra o prometido. A seguir é tratada a questão do inquilinato, fazendo-se várias referências a diferentes abusos dos senhorios. O tesoureiro da Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores lamenta que a quasi totalidade dos sindicatos pouco caso tenham feito da propaganda que se tem levado a efeito para que se consiga a edificação duma sede única para toda a organização local, que devia interessar-se pela sua emancipação dos senhorios. Se assim continuarem, desastrosamente terá de abandonar o seu lugar e, certamente, todos os restantes membros da comissão. Aproveitando o ensejo, diz que esta tenciona efectuar duas excursões, uma das quais a Gul-

mares, apelando para que todos os delegados façam a devida propaganda entre as suas classes.

Entra em discussão a reclamação que a Associação dos Distribuidores dos jornais vai fazer ao chefe do distrito, para que seja eliminada daquele mister a infância que a ele se dedica, por questões de ordem moral. As opiniões divergem no tocante a pôr-se em prática a proibição dos menores, porquanto a Associação dos Distribuidores pretende que as autoridades rubriquem os cartões de identidade profissional passados por aquela referida colectividade. A quasi totalidade do conselho federal manifesta-se concorde com os desejos dos distribuidores, mas apenas na parte moral. Quanto a pedir a rubrica do chefe do distrito não aceita esse principio por confundir com as boas normas sindicais. Após alguma discussão, em que o delegado dos distribuidores e vendedores de jornais defende o seu ponto de vista e o da sua Associação, é aprovado o alvitre da C. A., apresentado por Felisberto Baptista, segundo o qual a U. S. O. nomeia uma comissão, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamará do governador civil a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de a pôr em prática apenas a cargo da classe interessada e do seu sindicato, não se intrometendo nisso a União Local.

Os ferroviários do M. e D. ao reunirem para tratar dos seus interesses, protestam contra as perseguições governamentais

Na sede da União Ferroviária, reuniram os ferroviários, em assembleia geral extraordinária, a fim de: 1.º apreciar e resolver sobre a situação do pessoal em presença da nova reorganização ferroviária; 2.º tratar da situação dos praticantes de estação; 3.º apreciar e resolver acerca das modificações a introduzir no Regulamento da Caixa de Solidariedade Humana; 4.º tratar qualquer assunto de interesse para a classe.

Entre o expediente, figuram ofícios, telegramas, etc., dando a adesão de diversos pessoal às resoluções que a assembleia tomasse. Os camaradas Lino José da Silva e Belmiro Monteiro representavam directamente as delegações de Viana e Douro.

Em primeiro lugar falou Adriano Monteiro, referindo-se às tropelias que se estão a fazer com a reorganização dos serviços ferroviários; leu uma carta, a qual contém petições individuais de escriturários, pertencentes a nuances e grupelhos que tentam desprestigiar e dividir a classe, trabalhando-se a ocultas, pelo que reputa uma autentica traição semelhante procedimento, que deve ser repudiado, bem como os seus autores, por toda a classe consciente.

Quando à remodelação do decreto n.º 5605, não considera justa a forma como a estão a executar, trabalhando-se na sombra e sem ocultar os delegados da classe. Condenou, a propósito, alguns dos seus colegas do pessoal administrativo, reputando-os sem carácter e sem competência para servirem de messias da classe e criarem uma associação, só com o intuito de fomentarem a desarmónia. Depois referiu-se a uma carta do, escrivão Adriano Augusto Lanhoso, que o convidava a coadjuvar na fundação da tal associação do pessoal administrativo, pelo que foi assente a discussão dos estatutos na sessão seguinte.

Lá fez algumas considerações rudimentares sobre o que significa e qual a missão da C. G. T., de que os seus colegas administrativos não se intimidam, e afirmou que a U. F. V., que está agora conferenciada, já em 1910, quando ainda não existia o chamado *bolsevismo* da C. G. T., tinha dado a sua adesão à Federação Geral do Trabalho. Após mais algumas explicações apresentou a seguinte moção:

Considerando que o pessoal ferroviário é o mais directamente atingido pela organização dos Caminhos de Ferro do Estado, e sabendo-se que tão importante diploma está em vias de conclusão mantendo-se em volta dele um profundo sigilo, para evitar a intervenção dos interessados na sua aprovação; Considerando que tal procedimento briga com os mais rudimentares princípios de justiça, não podendo o pessoal ferroviário aceitar as disposições de uma reorganização feita à porta fechada, por isso ser ditatorial e contrário ao direito de apreciação conferido por lei; Considerando que chegou ao nosso conhecimento a notícia de que na nova organização se faziam largas concessões de carácter corporativo e económico em manifestos prejuízos e lamentável desprezo das outras classes mais produtoras; Considerando que desde longa data se reclama a constituição de uma comissão composta por três delegados do pessoal do Minho e Douro e de três do Sul a Sueste, para proceder ao estudo da reorganização na parte respeitante ao pessoal, reclamação até agora não atendida; Os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia geral extraordinária, resolveram: 1.º não aceitar nenhuma organização sem que uma comissão delegada do pessoal se tenha pronunciado sobre ela, protestando, desde já, contra a tentativa, agora feita, de levar a cabo tão importante trabalho sem a colaboração de uma comissão delegada do pessoal; 2.º Convidar a Direcção da União Ferroviária a editar um manifesto, se o julgar necessário, expondo ao pessoal e ao público o que se põe ao assunto julgar preciso; 3.º Reclamar neste sentido, do sr. ministro do Comércio, a fim de que a nova reorganização não receba a sua sanção, sem que o pessoal seja ouvido.

Falaram sobre esta moção João dos Santos, Artur Gomes França e Manuel Martins da Costa, que propôs um adiamento para que fosse enviado um telegrama ao sr. presidente da república, protestando contra a referida remodelação. O primeiro orador achou lógica a moção e disse que ela não serve de crítica aos escriturários que pretendem um diploma de *espada e gaita*; e o segundo aludiu à entrada dos sargentos. Discutido o assunto a moção foi aprovada por unanimidade.

A cerca do 2.º número da ordem dos trabalhos, foi lida uma moção do camarada Bernardino António da Silva Pereira: "Considerando que a actual situação dos praticantes de estação é, sem dúvida,

da, verdadeiramente angustiosa, pois que, além de não possuírem regalias algumas, apenas lhes cedem como recompensa do seu trabalho uns miseráveis 52\$00 mensais, considerando também que já foram entregues, há bastantes semanas, às instâncias oficiais, as reclamações dos supracitados praticantes, sem que até à presente data tivessem conseguido obter qualquer despacho ou não favorável; Considerando mais que se torna necessário e urgente tratar deste justíssimo assunto em Lisboa, junto da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, em virtude do director alegar não estar nas suas atribuições a satisfação das referidas reclamações representadas, as quais se baseiam no preenchimento de todas as vacaturas de factores e aspirantes de estação existentes no quadro, no abono da diferença de vencimento segundo a categoria superior que desempenham e na concessão de passes e bilhetes de identidade, conforme já os possuíam; Propõe: 1.º Que se nomeie um delegado para representar a classe de praticantes de estação que também deve ser nomeada para ir a Lisboa para tratar dos melhoramentos do pessoal.

2.º Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que tem sido tratados pelas instâncias superiores apelam aos demais camaradas se manifestarem em prol destes humildes mas conscientes ferroviários; Belmiro Monteiro manifestou a sua satisfação por vir de Penafiel assistir à actual reunião, verificando ser falso tudo quanto se tem dito mal das assembleias da U. F. V., que naquele momento não descurou os interesses dos praticantes que nada auferem. A moção, depois de sobre ela falar Joaquim Vicente, do pessoal ferroviário, que a achou justíssima, foi aprovada por unanimidade.

A respeito das modificações a introduzir no Regulamento da Caixa de Solidariedade Humana, fala em primeiro lugar, em nome da administração da referida Caixa, o camarada Carlos Guimarães, apresentando as alterações, que aumentam o subsídio aos empregados presos ou castigados por motivos de assuntos sociais ou erros de ofício. As alterações são aprovadas unanimemente, depois de Adriano Monteiro e Bernardino Pinto da Costa salientarem as vantagens da Caixa de Solidariedade.

A seguir é tratada também a situação do pessoal ferroviário—carregadores, sendo aprovado um documento, cujas conclusões são as seguintes: 1.º, que a comissão que for a Lisboa tratar dos assuntos da classe, trate também da nossa questão (dos ferroviários); 2.º que as nomeações se façam o mais rapidamente possível.

Baixou à comissão de melhoramentos uma moção referente aos serventes das oficinas.

Bernardino Pinto da Costa, aludindo às perseguições que se veem fazendo à organização operária, classes trabalhadoras e seus militantes, apresentou a seguinte moção:

"Considerando que as autoridades, mancomunadas com as classes conservadoras e instigadas pela Confederação Patronal, tem feito inúmeras prisões de elementos trabalhadoras, conservando-os sem culpa formada; considerando que este procedimento sem justificação alguma vai de encontro à Constituição e outras leis que também não permitem que se esteja encarcerado e sem culpa formada além de 8 dias, considerando que tal arbitrariedade representa uma falta de sentimento e humanidade, privando da liberdade honestos chefes de família, que são o único amparo das suas famílias; a classe ferroviária reunida em assembleia geral extraordinária, resolve: 1.º, protestar contra as referidas perseguições, enviando um telegrama ao sr. presidente da república, solicitando-lhe a libertação dos presos; 2.º enviar outro telegrama a C. G. T., dando-lhe conta destas resoluções; 3.º protestar também contra os maneios da reacção e da C. P., por únicos inspiradores do encarceramento dos sindicatos, etc."

Joaquim Vicente e Carlos Guimarães, apoiaram, em nome da Juventude Sindicalista do Minho e Douro, a moção.

Leonídio Duarte Lopes fez uma preleção sobre os acontecimentos, insinuando-se contra o encarceramento daqueles que só cometem o crime de possuírem um ideal de paz e amor. Referindo-se à greve da fome dos perseguidos selvaticamente, protesta contra um regime que se rotula falsamente de democrático.

Adriano Monteiro esigmatiza também o procedimento dos governos, os quais, longe de amordaçarem a organização, fechando-lhe os sindicatos, mais alento lhe dão, criando mais revolucionários. Terminou aludindo com palavras elogiosas para o presidente da delegação de Viana, que, sendo um velho, tem mais energia do que alguns novos, cumprindo o seu dever, como o cumpriu naquela ocasião, vindo assistir à assembleia. A moção foi aprovada por unanimidade e entre calorosos vivas à C. G. T., jornal *A Batalha* e à Liberdade.

MÚSICA

Concertos no Politeama

É o penúltimo, o concerto que amanhã se efectua pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do illustre maestro Fernandes Fão, no Politeama. O programa deve fazer ouvir ao elegante teatro, a cujas condições enérgicas temos ouvido falar os maiores elogios, a fina flor da nossa melhor sociedade, compondo-se de obras de A. Thomas (abertura da *Mignon*), Massenet (*Scenas Alsacianas*), Rnsky-Korsakov (*Scheherazade*), e Wagner, Prelúdio do *Tristão e Isolde*, *Parfais*, *parafraze* e abertura do *Tannhauser*.

Concerto Melle Aussenac

A tarde de amanhã, no teatro S. Luís, será brilhantíssima, pois realiza-se o concerto extraordinário da notável pianista M.elle Marie Antoinette Aussenac, última da temporada deste ano, para o qual a illustre artista organizou um dos mais belos programas em que figuram obras de Mozart, Cesar Frank, Goyecnas—Granados, Schubmann, Debussy, Pauré, Saint-Saëns e Viana da Mota. Pelo grande número de admiradores do talento da notável pianista é de esperar que a tarde de amanhã no S. Luís seja brilhantíssima.

Teatros

Récita de autores

Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, os espirituosos escritores portugueses, autôres da fantasia revista *Belo sexo*, têm hoje no Apolo a sua récita de homenagem.

Não faltará, pois, ali a festejada numerosíssima concorrência, o que de certo não é mais do que a repetição do que tem sucedido nas récitas anteriores. *Belo sexo* é uma peça que conseguiu impor-se ao público pela sua alegria bulhosa, pelos seus ditos de espírito, pelas suas imprevistas situações. Daí, o excepcional agrado com que tem sido acolhida e a sua carreira brilhante, que promete ainda prolongar-se. É, portanto, de aplausos entusiásticos a récita de hoje no Apolo.

Festas artísticas

Prosseguem com toda a actividade os ensaios do novo original português, a opereta farça *Lenda dos Farolantes*, de André Brun e Carlos Simões, que na noite de 8 de Abril próximo sobe à scena no teatro de S. Luís em festa artística do actor Carlos Viana, um dos elementos de destaque da companhia Armando de Vasconcelos. A música deste novo original português, é da autoria do maestro Pedro Blanco.

Está marcada já para meados de Abril a partida para o Rio de Janeiro da companhia Lucília Simões, que no Politeama tem feito uma época esplêndida. O seu plano de trabalhos neste teatro, teve por isso de ser alterado, devendo a *Casaca encarnada* que se encerra em pleno êxito de intermédio as suas representações, depois de em 30 de corrente dar a récita de autores e em 31 efectuar a festa da talentosa actriz Brunhilde Caruson, que nela tem um belo trabalho. Em 1 de Abril faz-se a última récita de assinatura com a 1.ª da peça italiana *A Máscara*, seguindo-se depois em dias ainda não especificados as récitas de Lucília Simões e Ribeiro Lopes.

Na noite de 6 do próximo mês de Abril realiza a sua festa anual, no teatro de S. Luís, o estimado ponto deste teatro, com a *reprise*, em récita única da lindíssima opereta *O Jardim d'Aspazia*, que tanto êxito tem obtido neste teatro, e de um acto de variedades, em que tomam parte vários artistas do teatro. Pelo grande número de amigos e admiradores de Avelar, é de esperar que a noite do dia 6 do próximo mês de Abril no S. Luís seja brilhantíssima.

De dia para dia maior é o interesse com que se esperada a sensacional *reprise* que no dia 1 de Abril próximo se faz no teatro de S. Luís da célebre e aplaudida opereta *A Boneca*, cuja partitura é do inspirado compositor Audan. Esta opereta terá agora, além do esplêndido e engraçado intermezzo, um magnífico desempenho por parte da companhia Armando de Vasconcelos. Ausenda de Oliveira faz a protagonista e Armando de Vasconcelos o papel de Lancelotti.

O estimado actor do teatro Avenida, José Alves Júnior, realiza no dia 31 do corrente a sua récita artística, que é dedicada ao Sporting Club de Portugal e que promete ser uma bela festa, pois se representará pela última vez a muito aplaudida opereta *O João Ratão*.

Notícias

O estimado camaroteiro do teatro de S. Luís, Luís Mendes, realiza a sua festa anual na noite de 7 do próximo mês de Abril, com uma das operetas de maior

Grémio de Instrução Liberal de Compo de Durique

Promovido por uma comissão e a favor do coife deste Grémio, efectua-se hoje, pelas 21 horas, um grandioso sarau, no qual tomam parte alguns alunos da Escola.

Do programa consta a fantasia dramática em 1 acto *A Orfã*, por crianças da Escola; *Folies Bergeres* pelos amadores srs. Júlio Rodrigues, Francisco Ribeiro de Sousa, José do Nascimento, Alberto de Cerveira e José Ribeiro de Sousa; Canção Nacional pelo apreciado cultor sr. João Maria dos Anjos, e *O tio Mateus*, por crianças da Escola.

Universidades, academias e escolas

Sociedade de Estudos Pedagógicos — Reuniu a direcção, tendo tomado conhecimento do expediente. O dr. sr. José de Magalhães está estudando as numerosas respostas ao inquérito sobre a situação do Ensino Secundário, e logo que tenha elaborado o seu relatório, efectuar-se-á a reunião da S. E. P. A direcção tomou conhecimento de que o dr. sr. Faria de Vasconcelos continuará, neste ano, a série das suas lições de psicologia experimental, e de que está prestes a sair o n.º 2 da VIII série da *Revista de Educação* que continua sendo apreciada entre nós como no estrangeiro.

Agressão

Depois de operado de laparotomia no Banco do hospital de S. José pelo respectivo director dr. sr. João Pais de Vasconcelos coadjuvado pelos internos drs. srs. José Paredes e Rues, recolhidos a sala de observações António Nunes, filho de Adriano Bastos e de Júlia Nunes da Silva, de 19 anos, solteiro, estudante, natural de Lisboa e residente no prédio do Feneiro, 2.º, que na muralha do jardim do Tabaco foi atingido por um tiro, desconhecendo a sua proveniência. Suspeita no entanto a policia que o tiro tivesse partido de uma das muitas embarcações que ali se encontram.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de *A Batalha*, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 8\$50. Pelo correio registado 6\$90.

Teatros

Récita de autores

Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, os espirituosos escritores portugueses, autôres da fantasia revista *Belo sexo*, têm hoje no Apolo a sua récita de homenagem.

Não faltará, pois, ali a festejada numerosíssima concorrência, o que de certo não é mais do que a repetição do que tem sucedido nas récitas anteriores. *Belo sexo* é uma peça que conseguiu impor-se ao público pela sua alegria bulhosa, pelos seus ditos de espírito, pelas suas imprevistas situações. Daí, o excepcional agrado com que tem sido acolhida e a sua carreira brilhante, que promete ainda prolongar-se. É, portanto, de aplausos entusiásticos a récita de hoje no Apolo.

Festas artísticas

Prosseguem com toda a actividade os ensaios do novo original português, a opereta farça *Lenda dos Farolantes*, de André Brun e Carlos Simões, que na noite de 8 de Abril próximo sobe à scena no teatro de S. Luís em festa artística do actor Carlos Viana, um dos elementos de destaque da companhia Armando de Vasconcelos. A música deste novo original português, é da autoria do maestro Pedro Blanco.

Está marcada já para meados de Abril a partida para o Rio de Janeiro da companhia Lucília Simões, que no Politeama tem feito uma época esplêndida. O seu plano de trabalhos neste teatro, teve por isso de ser alterado, devendo a *Casaca encarnada* que se encerra em pleno êxito de intermédio as suas representações, depois de em 30 de corrente dar a récita de autores e em 31 efectuar a festa da talentosa actriz Brunhilde Caruson, que nela tem um belo trabalho. Em 1 de Abril faz-se a última récita de assinatura com a 1.ª da peça italiana *A Máscara*, seguindo-se depois em dias ainda não especificados as récitas de Lucília Simões e Ribeiro Lopes.

Na noite de 6 do próximo mês de Abril realiza a sua festa anual, no teatro de S. Luís, o estimado ponto deste teatro, com a *reprise*, em récita única da lindíssima opereta *O Jardim d'Aspazia*, que tanto êxito tem obtido neste teatro, e de um acto de variedades, em que tomam parte vários artistas do teatro. Pelo grande número de amigos e admiradores de Avelar, é de esperar que a noite do dia 6 do próximo mês de Abril no S. Luís seja brilhantíssima.

De dia para dia maior é o interesse com que se esperada a sensacional *reprise* que no dia 1 de Abril próximo se faz no teatro de S. Luís da célebre e aplaudida opereta *A Boneca*, cuja partitura é do inspirado compositor Audan. Esta opereta terá agora, além do esplêndido e engraçado intermezzo, um magnífico desempenho por parte da companhia Armando de Vasconcelos. Ausenda de Oliveira faz a protagonista e Armando de Vasconcelos o papel de Lancelotti.

O estimado actor do teatro Avenida, José Alves Júnior, realiza no dia 31 do corrente a sua récita artística, que é dedicada ao Sporting Club de Portugal e que promete ser uma bela festa, pois se representará pela última vez a muito aplaudida opereta *O João Ratão*.

Notícias

O estimado camaroteiro do teatro de S. Luís, Luís Mendes, realiza a sua festa anual na noite de 7 do próximo mês de Abril, com uma das operetas de maior

Grémio de Instrução Liberal de Compo de Durique

Promovido por uma comissão e a favor do coife deste Grémio, efectua-se hoje, pelas 21 horas, um grandioso sarau, no qual tomam parte alguns alunos da Escola.

Do programa consta a fantasia dramática em 1 acto *A Orfã*, por crianças da Escola; *Folies Bergeres* pelos amadores srs. Júlio Rodrigues, Francisco Ribeiro de Sousa, José do Nascimento, Alberto de Cerveira e José Ribeiro de Sousa; Canção Nacional pelo apreciado cultor sr. João Maria dos Anjos, e *O tio Mateus*, por crianças da Escola.

Universidades, academias e escolas

Sociedade de Estudos Pedagógicos — Reuniu a direcção, tendo tomado conhecimento do expediente. O dr. sr. José de Magalhães está estudando as numerosas respostas ao inquérito sobre a situação do Ensino Secundário, e logo que tenha elaborado o seu relatório, efectuar-se-á a reunião da S. E. P. A direcção tomou conhecimento de que o dr. sr. Faria de Vasconcelos continuará, neste ano, a série das suas lições de psicologia experimental, e de que está prestes a sair o n.º 2 da VIII série da *Revista de Educação* que continua sendo apreciada entre nós como no estrangeiro.

Agressão

Depois de operado de laparotomia no Banco do hospital de S. José pelo respectivo director dr. sr. João Pais de Vasconcelos coadjuvado pelos internos drs. srs. José Paredes e Rues, recolhidos a sala de observações António Nunes, filho de Adriano Bastos e de Júlia Nunes da Silva, de 19 anos, solteiro, estudante, natural de Lisboa e residente no prédio do Feneiro, 2.º, que na muralha do jardim do Tabaco foi atingido por um tiro, desconhecendo a sua proveniência. Suspeita no entanto a policia que o tiro tivesse partido de uma das muitas embarcações que ali se encontram.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de *A Batalha*, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 8\$50. Pelo correio registado 6\$90.

Combinações

Compra	Venda
Libra esterlina.....	504000
Paris.....	14000
Italia.....	14000
Belgica.....	14000
Suiza.....	14000
Espanha.....	14000
Berlim.....	14000
Holanda.....	14000
New-York.....	14000

PROFESSORA

Joven camarada, diplomada e com pratica, deseja lugar em instituição operária de Lisboa, arredores ou linha de Sintra ou Cascais. C. N., rua Sara, 25, Queluz.

